

LINGUAGEM MÉDICA

Dr. Raul Pilla.

Paralelamente ao crescente intercâmbio intelectual entre os povos, estabelecem-se também relações cada vez mais estreitas entre as diversas línguas cultas. A influência das línguas estranhas sempre teve importância na evolução de um idioma. O português, por exemplo, sofreu sucessivamente a influência do espanhol, do italiano e, finalmente e ainda hoje, do francês.

E', pois, este um fenómeno normal, incontestável e comum a todas as línguas dos povos civilizados; mas, entre nós, assumiu a influência francesa a proporção de uma verdadeira infiltração anormal e dissolvente.

E, mais talvez do que na linguagem comum e literaria, foi na linguagem médica que o afrancesamento do idioma se fez sentir de modo intenso e desastroso.

Sendo o movimento scientifico mais poderoso no estrangeiro do que nos dois países da língua portuguesa, e sendo a nossa educação scientifica quasi exclusivamente ministrada por livros franceses, claro é que também sobre a linguagem, a terminologia médica se havia de exercer a influência estranha. A linguagem médica portuguesa ficou dest'arte reduzida a um detestavel patoá, em que dominou a influência da língua românica menos afim da nossa.

Já não era uma simples assimilação de termos, expressões e modos necessários, convenientemente adaptados ao génio da língua, mas uma verdadeira invasão sem medida, nem necessidade.

Entretanto, não reside meramente na influência estrangeira a causa do mal. Um idioma forte e vigoroso, cuidadosamente cultivado, não se deixa perverter. E', pois, intrínseca, interna a causa real. E' o descaso, o abandono, a ignorância da língua o que lhe diminue a vitalidade e lhe acarreta a decadencia.

Desconhecemos a nossa língua, não a estudamos, ignoramos-lhe, portanto, o génio; e,

lendo principalmente livros franceses achamos mais natural adotar-lhes desde logo as expressões, porque não sabemos as que em nossa língua lhes correspondem, ou deveram corresponder, e não estamos educados para perceber as dissonâncias que tais enxertos produzem.

Começou, porém, a operar-se últimamente uma verdadeira reacção no campo da linguagem médica. Venceu a preocupação louvável de expurgar a língua de francesismos excusados, e substituí-los por expressões vernáculas.

Não faltou até quem procurasse dar a seus escritos scientificos um certo apuro literário, pretendendo escrever não só correctamente, mas também agradavelmente, cousa já um tanto mais difícil.

Estão, pois, na ordem do dia as questões de linguagem médica; temos até alguns médicos que fazem profissão de escritores.

Terá, porém, melhorado o emprêgo da língua em assuntos scientificos? E' provável que não. De inteiramente descurada que era, passou a língua a ser simplesmente maltratada. Permaneceram as causas profundas, a ignorância da língua portuguesa continua a ser a mesma, talvez agravada pela preocupação de fazer literatura. Não se escreve com simplicidade, elegância, clareza e correcção: escreve-se com palavras rebuscadas, expressões arresadas, termos desviados da própria evolução semântica, visando uma originalidade, que só pode ser excentricidade, por lhe faltarem as qualidades basicas para se desenvolver.

A originalidade é a expressão natural e irresistível de um temperamento, de uma individualidade. Originalidade feita artificialmente a martelo, não é originalidade, é aberração. E tanto mais para lamentar é isto, quanto o exemplo vem de cima e faz procelitos.

Não tenho, porém, inaugurando hoje esta

secção, a presunção de combater tal estado de cousas. Muito mais modesto é o meu objectivo: discutir a legitimidade de certas expressões correntes em nossa linguagem médica. Quanto ao mais, só uma sólida educação classica poderá trazer-lhe o necessario remedio.

Point de repère

Traduz-se geralmente, entre nós, a expressão "*point de repère*" por "*ponto de reparo*." Creio até que se encontre em compêndios escolares. Nada, porém, mais injustificado, porquanto os dois vocabulos *repère* e *reparo* não se correspondem nem quanto à etimologia, nem quanto ao sentido.

"*Point de repère*" chamam os franceses a pontos facilmente determináveis e que estão em relações definidas com certos órgãos, cuja situação servem de referir. Exacta e precisa é a expressão francesa. *Repère* significa marca, sinal e *point de repère* é um ponto que serve de sinal; o verbo *repérer*, marcar, assinalar, vem do latino *reperire*, encontrar, achar, descobrir. E', portanto, o "*point de repère*" o ponto por cujo meio se encontra, se descobre, se assinala um órgão.

Mas *reparo* não traduz *repère* e nem se pôde aplicar ao caso. Nenhum dos significados daquele vocábulo corresponde ao de *repère*. A correspondência foi aqui inferida de uma falsa aparência morfológica entre as duas palavras.

Reparo é acção ou efeito de reparar; é cêrto, reparação, restabelecimento; é exame, análise, atenção; é remédio, socorro, cura, suprimento.

Exemplos: Tais foram os caminhos que intentamos para o reparo da sucessão do nosso reino (Vieira); Mas contra o fim fatal não há reparo (Camões). E reparar significa restaurar, concertar, renovar, remediar, compensar, fortificar, reconstituir, socorrer, atender.

Isto quanto ao sentido. Quanto à derivação, *repérer* vem de *reperire*, (re + pario) que significa encontrar, achar, descobrir; *reparar* deriva de *reparare* (re + paro), cuja significação é preparar de novo, recobrar, restaurar, recobrar, reconstruir. Não pode ser maior a diferença entre os dois vocabulos.

E' pois um erro, que se não justifica, dizer "*ponto de reparo*", só porque os franceses adotam "*point de repère*".

Traduzir uma expressão pela outra não abona grandemente aos conhecedores das duas linguas.

Mas, se "ponto de reparo" não significa, nem de longe, "*point de repère*", como se deverá traduzir esta expressão? "*Point de repère*" é o ponto que assinala um órgão, é o ponto que está com êle em relações constantes e determinadas, é o ponto que a êle facilmente se refere.

Portanto, salvo melhor juizo, é o "PONTO DE REFERENCIA" do órgão em questão.